

**SIGNO, CULTURA E IDENTIDADE: DIÁLOGOS ENTRE SAUSSURE, BARTHES, HALL
E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS**

**SIGN, CULTURE AND IDENTITY: DIALOGUES BETWEEN SAUSSURE, BARTHES,
HALL AND STORYTELLING IN LIBRAS (BRAZILIAN SIGN LANGUAGE)**

**SEÑA, CULTURA E IDENTIDAD: DIÁLOGOS ENTRE SAUSSURE, BARTHES, HALL Y
LA NARRACIÓN EN LIBRAS (LENGUA DE SEÑAS BRASILEÑA)**



10.56238/sevenVIIImulti2026-054

Lidiane Sacramento Soares

Doutoranda em Crítica Cultural

Instituição: Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: lideane1007@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as contribuições das teorias linguísticas de Ferdinand de Saussure, Roland Barthes e Stuart Hall, articuladas ao campo da Educação de Surdos, para compreender os processos de construção de sentido e identidade na contação de histórias em Libras, no contexto da alfabetização bilíngue. A partir do confronto entre estruturalismo e pós-estruturalismo, busca-se relacionar conceitos como signo, significante, significado, cultura e identidade linguística com a prática pedagógica voltada à comunidade surda. Para sustentar a discussão, recorreremos a autores da área de Libras como Skliar (1998), Strobel (2009), Quadros e Karnopp (2004) e Abreu (2020). Os resultados apontam que a contação de histórias em Libras não é apenas recurso pedagógico, mas prática cultural que articula língua, subjetividade e identidade, reafirmando a centralidade da Libras na alfabetização de surdos.

Palavras-chave: Libras. Signo. Estruturalismo. Identidade Surda. Contação de Histórias.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the contributions of the linguistic theories of Ferdinand de Saussure, Roland Barthes and Stuart Hall, articulated with the field of Deaf Education, to understand the processes of meaning and identity construction in storytelling in Libras, within the context of bilingual literacy. From the confrontation between structuralism and post-structuralism, the study seeks to relate concepts such as sign, signifier, signified, culture and linguistic identity with pedagogical practice aimed at the deaf community. To support the discussion, we draw on authors in the field of Libras such as Skliar (1998), Strobel (2009), Quadros and Karnopp (2004) and Abreu (2020). The results indicate that storytelling in Libras is not only a pedagogical resource, but a cultural practice that articulates language, subjectivity and identity, reaffirming the centrality of Libras in deaf literacy.

Keywords: Libras. Sign. Structuralism. Deaf Identity. Storytelling.

RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre las contribuciones de las teorías lingüísticas de Ferdinand de Saussure, Roland Barthes y Stuart Hall, articuladas en el campo de la educación de personas sordas, para comprender los procesos de construcción de significado e identidad en la narración en Libras (Lengua de Señas Brasileña), en el contexto de la alfabetización bilingüe. A través de una confrontación entre el estructuralismo y el posestructuralismo, se busca relacionar conceptos como signo, significante, significado, cultura e identidad lingüística con la práctica pedagógica dirigida a la comunidad sorda. Para sustentar la discusión, nos basamos en autores del campo de Libras como Skliar (1998), Strobel (2009), Quadros y Karnopp (2004) y Abreu (2020). Los resultados indican que la narración en Libras no es solo un recurso pedagógico, sino también una práctica cultural que articula el lenguaje, la subjetividad y la identidad, reafirmando la centralidad de Libras en la alfabetización de las personas sordas.

Palabras clave: Libras. Signo. Estructuralismo. Identidad Sorda. Narración de Historias.

1 INTRODUÇÃO

A linguística moderna, inaugurada com os estudos de Ferdinand de Saussure, produziu um deslocamento fundamental no modo como a linguagem é compreendida nas ciências humanas. Ao propor o conceito de signo como a união entre significante e significado, Saussure estabeleceu as bases para a constituição da linguística como ciência, ao mesmo tempo em que forneceu um modelo epistemológico que reverberou em diversos campos do conhecimento.

A virada linguística, impulsionada pelo estruturalismo e posteriormente tensionada pelo pós-estruturalismo, expandiu o alcance do signo para além da língua oral, permitindo que manifestações artísticas, literárias e culturais fossem interpretadas como sistemas de significação. Essa expansão é decisiva para se compreender a Língua Brasileira de Sinais (Libras), no campo teórico, como um sistema de significação que dialoga diretamente com o conceito saussuriano de signo, e não apenas como um instrumento de comunicação, mas como sistema simbólico legítimo, capaz de operar processos de alfabetização e formação crítica de sujeitos surdos.

Neste artigo, busca-se relacionar as discussões teóricas sobre o signo saussuriano e suas repercussões no campo linguístico-literário e nas ciências humanas com o objeto de pesquisa da tese de doutorado em andamento, que trata da contação de histórias em Libras como prática de alfabetização e desenvolvimento de habilidades bilíngues. A hipótese central é que a compreensão do sinal em Libras como signo, em diálogo com o estruturalismo e o pós-estruturalismo, permite novas perspectivas para a alfabetização de surdos, valorizando a dimensão visual, expressiva e cultural dessa língua.

O estudo da linguagem é fundamental para compreender os processos de ensino-aprendizagem, especialmente em contextos bilíngues envolvendo a comunidade surda. A pesquisa em andamento, encontra-se em diálogo direto com discussões teóricas que emergem a partir da linguística de Ferdinand de Saussure, da teoria cultural de Roland Barthes e da concepção de identidade de Stuart Hall.

Como aponta Abreu (2020, p. 3), “a compreensão da língua de sinais como língua legítima, estruturada e culturalmente marcada é essencial para consolidar uma perspectiva socioantropológica da surdez”. Esta afirmação permite situar a Libras não apenas como meio de comunicação, mas como espaço de construção identitária e cultural, cujas raízes dialogam com a teoria do signo e seus desdobramentos no campo das ciências humanas.

No campo da educação de surdos, essas discussões ganham relevância ao pensarmos a contação de histórias em Libras como prática pedagógica e cultural, que ultrapassa a simples transmissão de conteúdos e promove a alfabetização bilíngue, a subjetividade e a identidade surda (SKLIAR, 1998; STROBEL, 2009; QUADROS; KARNOPP, 2004).

2 OBJETIVO

O objetivo deste artigo é articular os conceitos de signo, estruturalismo e pós-estruturalismo, dialogando com Saussure, Barthes e Hall, a fim de compreender como esses aportes podem iluminar práticas de alfabetização bilíngue em Libras, com destaque para a contação de histórias como espaço de construção de sentidos, subjetividades e identidades surdas.

Além disso, o artigo busca aprofundar a compreensão de como os fundamentos linguísticos e culturais presentes nessas teorias podem contribuir para uma prática pedagógica que reconheça a Libras como língua de instrução, cultura e identidade. Ao relacionar teoria e prática, objetiva-se evidenciar de que maneira a contação de histórias em Libras atua não apenas como ferramenta didática, mas como prática discursiva que fortalece vínculos comunitários, amplia repertórios culturais e promove o desenvolvimento crítico dos estudantes surdos, reafirmando a centralidade da língua de sinais nos processos de formação bilíngue.

3 METODOLOGIA

O estudo consiste em uma análise teórico-reflexiva de caráter qualitativo, baseada em revisão bibliográfica. Foram mobilizados conceitos estruturais e pós-estruturais da linguagem para dialogar com práticas pedagógicas da educação de surdos. A pesquisa utiliza obras clássicas de Ferdinand de Saussure, Roland Barthes e Stuart Hall, articuladas a autores da área de Libras e surdez, como Skliar (1998), Strobel (2009), Quadros e Karnopp (2004) e Abreu (2020). A partir dessa interlocução, busca-se compreender como a teoria do signo, a subjetividade e a identidade cultural podem fundamentar práticas de alfabetização bilíngue, especialmente por meio da contação de histórias em Libras.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 FERDINAND DE SAUSSURE E A TEORIA DO SIGNO

Ferdinand de Saussure (1916) inaugura uma nova forma de pensar a linguagem ao propor a noção de signo linguístico. Como destaca Fiorin (2017, p. 42), “a grande inovação de Saussure foi deslocar a atenção do estudo das palavras isoladas para o sistema de relações que constitui a língua”.

O conceito de signo formulado por Saussure tornou-se o eixo fundador da linguística estrutural. Para ele:

O signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta última não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; esse som, tomado no sentido material, também é algo de físico, mas aqui nos contentamos com a imagem psíquica dele, que é como que a impressão sensível que esse som nos causa. (SAUSSURE, 2012, p. 80).

Aqui, Saussure define o signo como articulação entre significante (a forma sensível, imagem acústica) e significado (o conceito). Isso abre espaço para pensarmos a Libras, em que o significante não é acústico, mas visual-gestual, e o significado é construído pela experiência e pela cultura surda.

A formulação de Saussure, ao propor a arbitrariedade do signo, rompe com concepções naturalistas da linguagem. Essa arbitrariedade também se aplica à Libras, em que não há uma relação natural entre configuração de mãos e conceito, mas convenções culturais e sociais que sustentam os significados. Assim, a Libras, como qualquer outra língua, é um sistema de convenções construído coletivamente, e não um reflexo direto da natureza das coisas.

Essa perspectiva estruturalista é fundamental para a Libras, pois evidencia que toda língua, inclusive a de sinais, possui estrutura própria e mecanismos de significação. Quadros e Karnopp (2004, p. 47) reforçam: “a Libras apresenta um sistema linguístico completo, com fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, atendendo a todos os critérios de uma língua natural”.

Nesse sentido, podemos compreender a Libras como uma língua plena, dotada de regras próprias e de uma gramática visual-espacial organizada. No entanto, o modelo saussuriano apresenta limites, pois privilegia a estabilidade do sistema linguístico, sem considerar de modo mais aprofundado a dimensão da subjetividade, da experiência histórica e da cultura, aspectos que são centrais quando pensamos na identidade surda e na contação de histórias em Libras.

Saussure (2012) concebe a língua como um sistema de signos em que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (p. 80). Essa definição inaugura a linguística estrutural, cujo foco recai sobre a estrutura interna da língua, entendida como sistema autônomo.

Esse modelo é fundamental para pensar a Libras enquanto língua natural, estruturada e dotada de regras próprias, conforme demonstram Quadros e Karnopp (2004), ao explicarem que “a Libras possui níveis linguísticos tão complexos quanto as línguas orais” (p. 25). Assim, compreender a contação de histórias em Libras a partir de Saussure é reconhecê-la como prática de linguagem que articula significantes visuais e significados culturais.

4.2 ROLAND BARTHES: LINGUAGEM, CULTURA E SUBJETIVIDADE

No início de sua trajetória, Barthes se apoia em Saussure, mas logo expande o estruturalismo em direção ao pós-estruturalismo, ao mostrar que os sistemas de significação não se limitam à língua, alcançando também a cultura. Em *Mitologias* (1957), ele demonstra que o mito não é natural, mas uma construção cultural: “o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia surgir da ‘natureza’ das coisas” (BARTHES, 2001, p. 199). O mito, como “um sistema semiológico segundo” (BARTHES, 2001, p. 201), cria uma camada de significação que naturaliza ideologias.

Essa noção permite pensar a contação de histórias em Libras como prática cultural que transmite valores, identidades e modos de ver o mundo surdo. A repetição de metáforas e narrativas

próprias da comunidade constrói repertórios comuns que parecem naturais, mas são, de fato, produtos da história e da cultura surda.

Ao tensionar o estruturalismo, Barthes (2004) afirma que “o texto é um tecido de citações” (p. 62), indicando que nenhum discurso é fixo ou isolado: todo enunciado se constitui em diálogo com outros. Essa concepção ajuda a compreender a contação de histórias em Libras como espaço de produção de sentidos múltiplos e abertos, em que tanto o narrador quanto o público surdo reconfiguram constantemente os significados.

Mais adiante, em *A câmara clara* (1980), Barthes desloca o foco para a subjetividade, introduzindo as categorias de *studium* e *punctum*, revelando como a interpretação de uma imagem é permeada pela subjetividade. Essa noção pode ser relacionada à Libras, na medida em que o gesto narrado na contação de histórias não é apenas signo linguístico, mas também signo cultural, carregado de afetos e identidades. Strobel (2009, p. 68) complementa: “a identidade surda é construída na coletividade, nas trocas culturais e nas narrativas visuais que fortalecem a experiência de ser surdo”.

“O *studium* é a aplicação a uma coisa, o gosto por ela, o conjunto de intenções culturais... O *punctum*, ao contrário, é aquilo que me fere (mas também me punge, me mortifica, me faz vibrar)” (BARTHES, 1984, p. 46). Nesse sentido, na contação de histórias em Libras, o *studium* pode ser entendido como o aprendizado cultural e linguístico presente no enredo; já o *punctum* está no detalhe de um olhar, na intensidade de um gesto ou pausa dramática que toca emocionalmente o estudante surdo. Essa dimensão subjetiva é fundamental para a alfabetização, pois vincula afeto e memória à construção do conhecimento.

Barthes (2001) explica que “a linguagem é um sistema de representações no qual cada signo remete não apenas a uma realidade, mas a uma ideologia” (p. 215). E esse ponto é crucial para minha pesquisa, pois contar histórias em Libras não é apenas ensinar sinais ou português escrito, mas é formar leitores críticos capazes de perceber que toda narrativa é atravessada por valores e ideologias. Assim, alfabetizar em Libras é também empoderar o surdo como sujeito cultural e político.

Acerca da subjetividade, “A fotografia não é apenas uma representação, mas uma experiência afetiva: ela toca, perturba, emociona” (BARTHES, 1984, p. 80). Da mesma forma, a contação de histórias em Libras não é apenas transmissão de enredos. A performance do contador através do corpo, da expressão facial e do ritmo, produz experiência estética e afetiva que marca profundamente a aprendizagem. Isso reforça que o signo, em Libras, não é neutro, mas atravessado pela subjetividade do narrador e do público.

Barthes (2001) afirma que “o mito transforma a história em natureza” (p. 200), ou seja, naturaliza aquilo que é cultural. No caso das histórias em Libras, a repetição de narrativas e metáforas próprias da cultura surda ajuda a formar um repertório comum que parece natural, mas que, na verdade, é culturalmente construído. Essa dimensão é poderosa para a alfabetização bilíngue, pois os alunos

passam a compreender que ler e escrever é também participar de uma tradição cultural em constante movimento.

Em *Mitologias*, Barthes (2001) amplia a teoria saussuriana ao analisar os mitos da cultura, mostrando que os signos produzem uma segunda camada de significação, na qual a ideologia se naturaliza. Já em *A Câmara Clara*, desloca seu olhar para a experiência subjetiva e afetiva, introduzindo conceitos como *studium* e *punctum*.

Esse movimento é relevante para a contação de histórias em Libras, pois evidencia que, além do aspecto linguístico estrutural, a narrativa visual mobiliza afetos, subjetividades e identidades culturais. Strobel (2009) reforça esse ponto ao defender que a cultura surda é transmitida pela língua de sinais em práticas coletivas, como a narração de histórias, que preservam memórias e modos de ser.

4.3 STUART HALL: IDENTIDADE CULTURAL E PÓS-ESTRUTURALISMO

Stuart Hall (2003) insere-se no campo pós-estruturalista, problematizando as noções fixas de identidade. Para ele, “as identidades são construídas dentro do discurso, e não fora dele” (HALL, 2003, p. 110). Além disso, “a identidade é formada na articulação entre o eu e a cultura” (p. 47), estando, portanto, sempre em movimento. Essa perspectiva ajuda a compreender a contação de histórias em Libras como prática discursiva que constrói pertencimento, subjetividade, memória coletiva e identidade surda.

Essa perspectiva permite pensar a contação de histórias em Libras como prática discursiva que contribui para a constituição da identidade surda. Skliar (1998) dialoga com Hall ao destacar que a surdez deve ser compreendida como diferença cultural e não como deficiência, sendo a Libras o lugar de afirmação dessa identidade, reafirmando a importância de considerar a identidade surda em sua multiplicidade e movimento, constituída em práticas discursivas como a contação de histórias.

Hall (2006) amplia essa reflexão ao compreender a contação de histórias em Libras como prática cultural de representação, na qual se negociam identidades surdas e processos de alfabetização. Nesse sentido, o ato de narrar em língua de sinais ultrapassa a simples transmissão de enredos, configurando-se como espaço de construção simbólica e reconhecimento coletivo.

A performance narrativa, ao valorizar a experiência visual e gestual, reafirma pertencimentos culturais. Assim, a contação de histórias em Libras possibilita o diálogo entre memória, identidade e aprendizagem, fortalecendo a voz da comunidade surda. Desse modo, a narrativa torna-se instrumento pedagógico e político, ao mesmo tempo inclusivo e afirmativo.

5 DESENVOLVIMENTO

O signo saussuriano fundamenta a compreensão do sinal em Libras como unidade significativa que articula forma e conteúdo, legitimando-a como língua plena e estruturada. Nesse sentido, cada

gesto não é mero movimento, mas portador de significados construídos socialmente. Essa concepção torna a contação de histórias em Libras um espaço fértil para a alfabetização bilíngue, pois nela a língua é utilizada em sua dimensão cultural e pedagógica.

Saussure inaugura a linguística estrutural ao propor que a língua é um sistema no qual o signo resulta da articulação entre significante e significado. O caráter arbitrário do signo, defendido por ele, rompe com concepções naturalistas da linguagem e abre espaço para reconhecer línguas historicamente marginalizadas, como a Libras, enquanto sistemas plenos e complexos. Como ressaltam Quadros e Karnopp (2004), a língua de sinais possui organização gramatical própria e desempenha papel central na constituição identitária dos surdos, em sintonia com a noção estruturalista de que a língua é um sistema autônomo.

Essa compreensão do signo como arbitrário evidencia que a linguagem não é apenas instrumento de comunicação, mas também um sistema culturalmente construído, em que cada forma e cada gesto carregam significados historicamente produzidos. Ao reconhecer a Libras como língua legítima e estruturada, podemos perceber que sua gramática visual-espacial e seus modos de expressão são capazes de transmitir não apenas informações, mas também valores, memórias e experiências coletivas da comunidade surda.

Essa perspectiva estruturalista, ao legitimar a língua de sinais como sistema pleno, prepara o terreno para abordagens que vão além da forma, permitindo analisar como os signos carregam sentidos culturais e subjetivos, dimensão que será explorada na perspectiva de Barthes.

Barthes, por sua vez, expande a herança saussuriana e desloca o olhar da estrutura para as dimensões culturais e subjetivas da linguagem. Se em *Mitologias* o autor mostra como a cultura transforma signos em mitos, naturalizando construções históricas, em *A Câmara Clara* ele revela a força subjetiva do signo, capaz de tocar, emocionar e produzir sentidos singulares. Essa ampliação é extremamente pertinente para pensar a contação de histórias em Libras, pois nela não se trata apenas de transmitir conteúdos escolares, mas de promover o encontro dos alunos surdos com narrativas que carregam valores culturais, memórias e afetos.

Como observa Strobel (2009), as narrativas em Libras funcionam como depositárias da cultura surda, preservando tradições e possibilitando que os sujeitos se reconheçam em suas histórias e experiências coletivas. Assim, Barthes ajuda a compreender que a contação de histórias é também espaço de subjetivação e de afirmação identitária, não apenas de comunicação.

A contação de histórias em Libras, ao articular signos visuais e significados culturais, também possibilita o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas e de consciência bilíngue nos estudantes surdos. Cada narrativa oferece a oportunidade de refletir sobre a forma, o conteúdo e a função dos sinais, promovendo a percepção de padrões linguísticos e a capacidade de manipulação consciente da

língua. Nesse sentido, a prática narrativa contribui para a alfabetização não apenas como aquisição de vocabulário e sintaxe, mas como aprendizagem crítica e reflexiva da própria língua de sinais.

Além disso, a contação de histórias promove o fortalecimento de vínculos comunitários e o compartilhamento de memórias coletivas. Ao vivenciar narrativas que refletem a história, os valores e as experiências da comunidade surda, os alunos reconhecem-se como sujeitos pertencentes a um grupo cultural específico. Esse reconhecimento é fundamental para a construção de autoestima, identidade cultural e engajamento nos processos educativos, consolidando a função social e política da Libras como língua e instrumento de resistência cultural.

Do ponto de vista pedagógico, a narrativa em Libras possibilita práticas inclusivas que dialogam com diferentes estilos de aprendizagem e ritmos cognitivos. A dimensão visual-espacial da língua de sinais permite que conceitos abstratos sejam representados de forma concreta e experiencial, favorecendo a compreensão e a retenção do conhecimento. Ao mesmo tempo, a interação com gestos, expressões faciais e ritmos narrativos desenvolve habilidades socioemocionais, como empatia, atenção compartilhada e percepção das sutilezas comunicativas.

Por fim, ao combinar os aportes de Saussure, Barthes e Hall com a realidade cultural da comunidade surda, é possível perceber que a contação de histórias em Libras não se limita à transmissão de conteúdos, mas constitui um espaço de produção simbólica, política e educativa. A prática narrativa integra linguagem, cultura e identidade, promovendo alfabetização bilíngue, empoderamento cultural e formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e pertencimento comunitário.

Stuart Hall, representante dos estudos culturais, rompe de vez com a ideia de identidades fixas e estáveis. Para ele, a identidade é sempre uma construção discursiva, marcada por deslocamentos e negociações culturais. Esse entendimento dialoga diretamente com a experiência dos surdos em contextos educacionais: na contação de histórias em Libras, os sujeitos se constituem ao mesmo tempo como membros de uma comunidade e como indivíduos singulares, reafirmando sua diferença.

Skliar (1998) reforça essa concepção ao afirmar que a surdez deve ser compreendida como diferença cultural, e não como deficiência, deslocando o olhar para a língua de sinais como espaço de produção de identidades múltiplas e dinâmicas. Assim como Barthes critica a naturalização da linguagem, Skliar denuncia a tentativa de naturalizar a oralidade como “única forma legítima de linguagem”. Ambos defendem que o signo é social, histórico e culturalmente marcado.

Já Strobel (2008) apresenta a ideia de cultura surda, em que a Libras é mais do que um código: ela é guardiã de narrativas, experiências e saberes. Fala de “patrimônio cultural surdo”, mostrando que contar histórias em Libras é preservar memória e identidade coletiva. Se Barthes demonstra como a cultura cria significados que parecem naturais, Strobel evidencia que, na comunidade surda, as histórias em Libras naturalizam pertencimentos, valores e modos de ser surdo.

O diálogo entre Saussure, Barthes e Hall, articulado às contribuições dos autores da área da surdez, mostra que a contação de histórias em Libras é mais do que um recurso didático: é um espaço de produção de sentidos, de memória e de cultura, onde se cruzam estrutura, subjetividade e identidade. Como sintetiza Abreu (2020, p. 7), “a educação bilíngue implica compreender a Libras como língua de instrução e de constituição identitária, reconhecendo a centralidade da cultura surda nos processos pedagógicos”.

Assim, a prática narrativa em Libras legitima-se como campo privilegiado para a alfabetização bilíngue, pois alia a estrutura da língua, a experiência subjetiva e a construção identitária que são aspectos fundamentais para a formação integral de sujeitos surdos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de signo saussuriano, quando atualizada pelo estruturalismo e pós-estruturalismo, amplia as possibilidades de compreender a Libras como uma língua legítima, complexa e fértil para práticas pedagógicas críticas. A contação de histórias em Libras, analisada à luz desses referenciais, revela-se não apenas como ferramenta de alfabetização, mas também como espaço de construção de identidades e de transmissão de significados culturais.

Ao refletir sobre o signo nas ciências humanas, percebe-se que a educação de surdos pode ser repensada, integrando dimensões simbólicas, culturais e políticas da linguagem. Nesse contexto, a contação de histórias emerge como campo privilegiado para uma abordagem transdisciplinar, crítica e inclusiva da alfabetização.

O percurso teórico que vai de Saussure a Hall, passando por Barthes, oferece instrumentos para compreender como a Libras, por meio da narrativa, articula estrutura linguística, cultura e subjetividade. Saussure fornece a base estrutural, Barthes amplia o olhar para a dimensão cultural e afetiva dos signos, e Hall propõe a identidade como um processo dinâmico e discursivo.

Integrar esses referenciais a autores da surdez, como Skliar, Strobel e Quadros e Karnopp, evidencia que a contação de histórias em Libras fortalece a língua, promove a cultura surda e contribui para a afirmação de identidades em constante movimento. Assim, o ensino bilíngue deixa de ser apenas instrumental e se torna espaço de resistência, memória e transformação social.

Saussure oferece fundamentos para reconhecer a Libras como sistema estruturado e autônomo. O caráter arbitrário do signo mostra que a língua de sinais, historicamente marginalizada, é um sistema pleno e complexo, capaz de articular forma e conteúdo de maneira significativa.

Barthes, ao evidenciar a dimensão cultural e subjetiva da linguagem, permite compreender que cada narrativa em Libras carrega sentidos afetivos, memórias coletivas e valores culturais, tornando a contação de histórias um espaço de subjetivação e afirmação identitária, além de comunicação.

Hall desloca a atenção para a construção discursiva da identidade, mostrando que esta não é fixa, mas resultado de negociações entre sujeito e cultura. Na contação de histórias em Libras, essa dinâmica se manifesta quando os estudantes se reconhecem como parte de uma comunidade e, ao mesmo tempo, como indivíduos singulares.

O diálogo entre esses três pensadores se enriquece com Skliar, Strobel e Quadros e Karnopp, que destacam a Libras como espaço de preservação de memórias, transmissão de valores e fortalecimento de vínculos coletivos. Esses autores reforçam a especificidade da experiência surda e a centralidade da língua de sinais na afirmação da diferença cultural.

Assim, a contação de histórias em Libras se apresenta como espaço privilegiado de formação, no qual se entrelaçam estrutura linguística, experiência subjetiva e reconhecimento cultural. Trata-se de um lugar de produção de sentidos, memória e afirmação da diferença.

A prática narrativa permite compreender o estudante surdo como sujeito ativo, capaz de participar da construção de significados e de vivenciar a língua em sua plenitude visual e expressiva. O aprendizado não se restringe à aquisição de conteúdos, mas envolve negociação de significados, reconhecimento cultural e desenvolvimento de habilidades cognitivas, afetivas e críticas.

A valorização da Libras enquanto língua estruturada e instrumento de empoderamento evidencia seu papel central nos processos educativos. Ao proporcionar experiências expressivas completas, a contação de histórias contribui para a consolidação do pertencimento e da identidade cultural dos estudantes surdos.

Retomando a hipótese da pesquisa, a análise realizada permite afirmar que compreender o sinal em Libras como signo, em diálogo com Saussure, Barthes e Hall, amplia as possibilidades de alfabetização e de formação integral de sujeitos surdos. Nesse sentido, a contação de histórias mostra-se prática cultural e identitária, capaz de consolidar processos bilíngues ao articular estrutura, cultura e subjetividade de forma integrada.

Essa prática evidencia que a educação bilíngue vai além da transmissão de narrativas literárias: envolve constituição de sujeitos, negociação de identidades e inserção crítica na cultura surda e na sociedade em geral. A integração entre teoria linguística e prática pedagógica é reforçada pelas contribuições de Skliar, Strobel e Quadros e Karnopp, que destacam a Libras como espaço de preservação cultural, transmissão de saberes e fortalecimento de vínculos comunitários.

Diante disso, torna-se urgente ampliar pesquisas que conectem teoria, cultura e prática pedagógica em Libras. Investigações futuras podem explorar impactos da contação de histórias em diferentes níveis de ensino, formação de professores e potencialidades para desenvolvimento de competências críticas, criativas e identitárias. A contação de histórias em Libras, portanto, se mostra tema fértil, capaz de consolidar a educação bilíngue, valorizar a cultura surda e fortalecer debates sobre linguagem, identidade e diferença nas ciências humanas.



Em síntese, a contação de histórias revela que a Libras não é apenas instrumento de comunicação, mas espaço de resistência cultural, afirmação identitária e criação de sentidos múltiplos, consolidando seu papel central na alfabetização bilíngue e na formação de sujeitos surdos críticos e conscientes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia Cristina Barreto Fernandes de. Abordagem socioantropológica da surdez, Língua de Sinais e Educação Bilíngue: uma perspectiva histórica e cultural. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*, Uberlândia, MG/ v. 14, n. 3, p. 711-734, 2020.
- BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. Mitologias. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida; FLORES, Valdir (orgs.). Saussure: a invenção da linguística. São Paulo: Contexto, 2017.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.